



**SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E CULTURA  
REDE MUNICIPAL DE ENSINO  
ATIVIDADES PEDAGÓGICAS COMPLEMENTARES**

**Escola:** \_\_\_\_\_

**Estudante:** \_\_\_\_\_

**Componente curricular:** História

**Período:** 03/05/2021 a 31/05/2021

**Etapa:** Ensino Fundamental II

**Turma:** 8º ano

- As atividades das APCs serão adequadas de acordo com a limitação e necessidade de cada estudante pelo professor (a) de Apoio e Supervisão do Departamento de Coordenação de Educação de Inclusão Social.

**CADERNO 3**

**AULA 1 e 2 – Diferenças entre Estado, País, Nação e Território**

Para melhor compreendermos algumas noções geográficas, geopolíticas e sociais do mundo que nos envolve, muitas vezes precisamos compreender corretamente alguns conceitos que nos servem de base para estudar e analisar a realidade. Dentre esses conceitos, podemos citar os de Estado, país, nação e território, termos diferentes entre si, mas que costumam se inserir em um mesmo contexto discursivo.

**O que é território?**

É importante, primeiramente, definir o que é território. Na Geografia, assim como ocorre com a maioria dos conceitos básicos de todas as ciências humanas, não há um consenso exato sobre o que seja, simplificadamente, o território. Mas, aqui, podemos compreender esse termo como sendo o espaço geográfico apropriado e delimitado por relações de soberania e poder. Em alguns casos, o território possui fronteiras fixas e muito bem delimitadas (a exemplo do território brasileiro); em outros, seus limites não são muito claros (como o território delimitado por algum grupo terrorista ou por um consórcio de grandes empresas).

Portanto, quando falamos, por exemplo, em “território brasileiro”, não estamos falando do Brasil propriamente dito, mas do seu espaço delimitado correspondente, delimitação essa exercida por meio de um domínio que é reconhecido internacionalmente, o qual chamamos de soberania. Por assim dizer, podemos entender que o Brasil é soberano sobre o seu território, exercendo sobre ele a sua vontade, ou seja, os interesses de seus habitantes.

**Conceito de Estado**

Assim sendo, a soberania territorial é exercida pelo Estado brasileiro. Perceba que esse termo, com “E” maiúsculo, difere-se do estado (com “e” minúsculo), que é apenas uma unidade federativa ou uma província do país. O Estado é, portanto, um conjunto de instituições públicas que administra um território, procurando atender os anseios e interesses de sua população. Dentre essas instituições, podemos citar as escolas, os hospitais públicos, os departamentos de política, o governo e muitas outras.

**Diferença entre Estado e País**

É necessário, contudo, estabelecer a diferença entre Estado e País. Enquanto o primeiro é uma instituição formada por povo, território e governo, o segundo é um conceito genérico referente a tudo o que se encontra no território dominado por um Estado e apresenta características físicas, naturais, econômicas, sociais, culturais e outras. No nosso caso, o Brasil é o país e a República Federativa do Brasil é o Estado.

## Conceito de Nação

Por outro lado, o conceito de Nação, por sua vez, também possui suas diferenças e particularidades em relação aos demais termos supracitados. Nação significa uma união entre um mesmo povo com um sentimento de pertencimento e de união entre si, compartilhando, muitas vezes, um conjunto mais ou menos definido de culturas, práticas sociais, idiomas, entre outros. Assim sendo, nem sempre uma nação equivale a um Estado, ou a um país ou, até mesmo, a um território, havendo, dessa forma, muitas nações sem território e sem uma soberania territorial constituída.

A Espanha é um exemplo clássico de Estado multinacional, ou seja, com um grande número de nações vivendo em seu território. Existem os espanhóis, mas também existem os catalães, uma nação atualmente sem um Estado soberano e, portanto, sem um território político definido, além dos bascos, navarros e alguns outros. A maior parte dessas nações reivindica, inclusive, a criação de seus Estados independentes, com a delimitação de seus respectivos territórios, algo que ainda não foi conseguido.

Outro exemplo de nação sem território são os curdos, conhecidos por serem a maior de todas as nações sem um Estado correspondente, de forma que seu povo habita vários países situados ao longo do Oriente Médio, no continente asiático. Essa nação vem solicitando a vários países e instituições internacionais a criação de seu país, que se chamaría *Curdistão*.

## O estímulo ao nacionalismo como exercício da soberania

Muitos Estados, para garantirem o exercício de suas soberanias em seus territórios, tentam criar entre os seus habitantes um sentimento nacional, ou seja, a ideia de que aquele país equivale a uma nação geral, o que costuma ser chamado de nacionalismo. O estímulo ao nacionalismo é visto com bons olhos por muitas pessoas no sentido de essas valorizarem os seus territórios e suas populações, mas é preciso ter cuidado, pois os fatos históricos já demonstraram que um nacionalismo extremo pode provocar uma onda de fascismo. Nesse caso, o governo e até as pessoas passam a considerar que a sua nação (ou “raça”) é naturalmente superior às demais, justificando ações bélicas e formas de preconceito diversas, tal qual foi o caso do Nazismo na Alemanha em meados do século XX.

Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/diferencias-entre-estado-pais-nacao-territorio.htm>

- Após fazer a leitura e interpretação do texto. Responda as questões abaixo.

1) Conceitue Estado?

---



---

2) O que é um País?

---



---

3) Qual a diferença de Nação e País?

---



---

4) Em sua opinião o sentimento de nacionalismo é bom ou ruim? Justifique!

---



---

**AULA 3 e 4 –** Livro didático de História “História Sociedade & Cidadania”, páginas 89 e 97 com o tema “A formação dos Estados Unidos”. (Texto transcrito abaixo, para alunos que não possuem o livro didático)

## A formação dos Estados Unidos

## Colonização inglesa da América

A primeira tentativa inglesa de colonização da América se deu no reinado da poderosa Elizabeth I. Em 1585, essa rainha deu permissão a um nobre inglês, Sir Walter Raleigh, para iniciar a colonização da parte norte da América.

Sir Raleigh fundou um pequeno povoado, na costa leste da América, o qual batizou de Virgínia. Mas essa primeira experiência inglesa de colonização da América fracassou, e esse fracasso deveu-se, sobretudo, à fome, às doenças e à resistência indígena.

## A segunda tentativa inglesa

No início do século XVII, a monarquia inglesa fez uma nova tentativa: confiou a duas grandes companhias de comércio a tarefa de iniciar a colonização da América do Norte. Essas companhias eram formadas por comerciantes interessados no transporte de pessoas e mercadorias com a intenção de lucro; eram, portanto, empresas capitalistas.

Para atrair pessoas, essas companhias lançaram uma propaganda prometendo terras férteis e uma nova vida àqueles que embarcassem para a América. Na Inglaterra, essa propaganda atraiu pessoas de diferentes origens e condições sociais, entre as quais cabe citar: degredados; aventureiros; mulheres pobres (vendidas aos colonos como esposas); camponeses sem terra, que, muitas vezes, iam trabalhar como servos temporários; grupos religiosos protestantes ingleses – puritanos, batistas, presbiterianos e outros que fugiam da Inglaterra devido à perseguição política e religiosa movida pela monarquia inglesa.

Além dos ingleses, outros europeus de diferentes origens (escoceses, irlandeses, alemães, franceses e holandeses) foram para a América do Norte em busca de uma vida melhor. Esses grupos todos constituíram inicialmente a população das Treze Colônias da América do Norte, que podemos agrupar em: colônias do Norte ou Nova Inglaterra, colônias do Centro e colônias do Sul. Observe o mapa.



## DIALOGANDO

Por que será que  
dizemos "Brasil  
Colônia" e não  
podemos dizer "Estados  
Unidos Colônia"?

Fonte: ALBUQUERQUE,  
Manoel Maurício et al.  
**Atlas histórico escolar.**  
Rio de Janeiro: FAE,  
1991. p. 62.

## Economia colonial

O desenvolvimento das Treze Colônias variou de acordo com as condições geográficas e os interesses dos colonos. As colônias do Sul se desenvolveram com base na grande propriedade escravocrata, a plantation, onde geralmente se explorava um único produto (tabaco, algodão ou anil) destinado ao mercado externo. Os fazendeiros sulistas vendiam seus produtos para a Inglaterra e dela compravam quase tudo de que necessitavam. Aos poucos, os sulistas foram substituindo os servos brancos por africanos escravizados originários da África ocidental. Entre 1620 e 1860, cerca de 400 mil africanos foram levados para a América do Norte para trabalhar como escravizados. Com isso, formou-se na região uma sociedade escravista marcada por grandes desigualdades.

Já as colônias do Centro-Norte desenvolveram-se com base na pequena propriedade, na

policultura, na produção de manufaturas e no comércio triangular: um comércio lucrativo que envolvia a América do Norte, a África e as Antilhas (na América Central).

Entenda o funcionamento do comércio triangular:

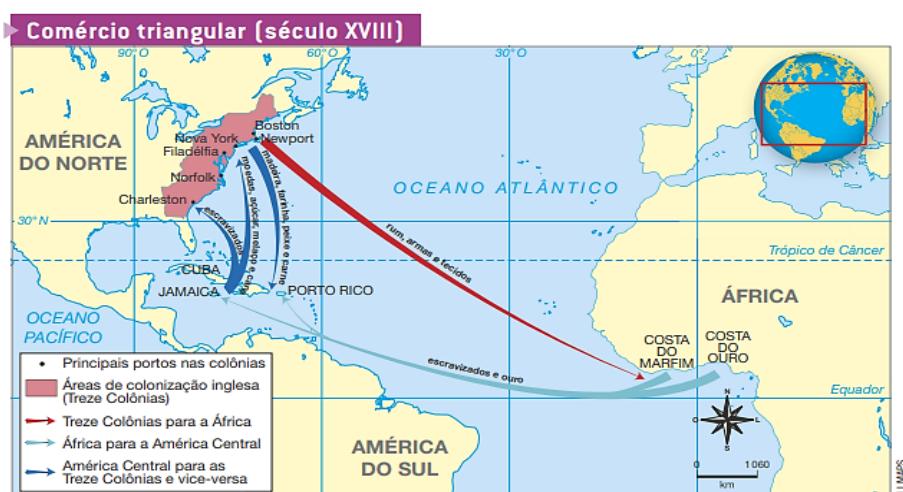
**Passo nº 1:** usando navios próprios, os colonos do Norte conseguiam melaço nas Antilhas e o transformavam em rum.

**Passo nº 2:** trocavam rum, armas e tecidos por pessoas escravizadas na costa ocidental da África.

**Passo nº 3:** em seguida, levavam os escravizados para serem vendidos nas fazendas das Antilhas e de lá voltavam com mais melaço de cana para transformar em rum.

Essas diferenças entre o Centro-Norte e o Sul refletiam-se no relacionamento dessas áreas com a metrópole. Enquanto o Centro-Norte foi se desenvolvendo com certa independência econômica e financeira, o Sul evoluiu mantendo estreita dependência da Inglaterra.

No aspecto político, as Treze Colônias desenvolveram-se com grande autonomia. Cada colônia tinha sua assembleia, que era encarregada de elaborar leis, votar o orçamento e administrar o recolhimento dos impostos. Assim, desde cedo os colonos americanos desenvolveram hábitos e sentimentos de autonomia em relação à metrópole inglesa. A força política e econômica dos colonos americanos ajuda a explicar sua capacidade de resistência e organização.



Fonte: NARO, Nancy P. S. A formação dos Estados Unidos. 3. ed. São Paulo: Atual; Campinas: Unicamp, 1987. p. 15. (Discutindo a História).

### A Inglaterra aperta o laço

No século XVII, primeiro século da colonização da América do Norte, a Inglaterra quase não interferiu nos assuntos internos das Treze Colônias. No século seguinte, porém, a Inglaterra mudou sua política colonial e passou a oprimir suas colônias na América. Entre os motivos que levaram a essa mudança na política colonial inglesa cabe citar:

a) a concorrência que as mercadorias norte-americanas faziam às inglesas no mercado externo;

b) as guerras em que a Inglaterra se envolveu: a Guerra Franco-Índia, iniciada em 1754, quando os colonos norte-americanos invadiram as terras indígenas situadas além dos Montes Apalaches, provocando a reação dos franceses que lá viviam e dos indígenas aliados a eles; a Guerra dos Sete Anos (1756-1763), motivada pela disputa entre a França e a Inglaterra por terras situadas na África, na Ásia e na América do Norte. A Inglaterra venceu as duas guerras, mas saiu delas financeiramente abalada e, para recuperar-se, aumentou os impostos pagos pelos habitantes das Treze Colônias.

### O processo de independência

Na segunda metade do século XVIII, a Inglaterra impôs uma série de leis opressivas que afetavam duramente os colonos norte-americanos. Conheça, a seguir, algumas delas.

**Lei do Açúcar (1764):** aumentava os impostos que os colonos deviam pagar sobre o melaço, o vinho, o café, a seda e o linho nos seus portos. Também obrigava os colonos a comprar o melaço (para fazer o rum) das Antilhas inglesas. Antes, os colonos compravam melaço de quem vendesse mais barato, as Antilhas francesas ou as holandesas. Os colonos organizaram vários protestos, mas não foram ouvidos.

**Lei do Selo (1765):** dizia que todos os contratos, jornais, cartazes, cartas e certidões que circulavam nas Treze Colônias deviam receber um selo, comprado do governo inglês. Os colonos reagiram invadindo agências postais e queimando maços de selos. E iniciaram uma campanha com o lema “Sem representação não pode haver tributação”, isto é, se não tinham sido consultados, não podiam ser taxados. A Inglaterra acabou suspendendo a lei, mas, no ano seguinte, lançou novos impostos.

**Lei do Chá (1773):** a Inglaterra entregou à Companhia das Índias Orientais, sediada em Londres,

o controle sobre a venda do chá para as Treze Colônias. Disfarçados de índios Mohawk, cerca de 150 colonos invadiram três navios ingleses no porto de Boston e atiraram o chá ao mar. Foi a chamada Festa do Chá em Boston (Boston Tea Party).

**Leis Intoleráveis (1774):** em resposta ao episódio do chá, a Inglaterra decretou um conjunto de leis que os colonos norte-americanos consideraram intoleráveis; são elas:

- a) o fechamento do porto de Boston até que os colonos pagassem os prejuízos causados com o derramamento do chá no mar;
- b) a ocupação de Massachusetts pelo exército inglês;
- c) o julgamento dos colonos rebelados por tribunais ingleses.

## O movimento de independência

Naquele mesmo ano, os representantes das colônias organizaram o Primeiro Congresso Continental da Filadélfia, no qual redigiram um protesto contra as Leis Intoleráveis.

O governo inglês respondeu ordenando a destruição de um depósito de armas dos colonos; estes reagiram e tiveram início as batalhas de Lexington e de Concord (1775), as primeiras da guerra pela independência.

Os representantes das colônias organizaram, então, o Segundo Congresso Continental da Filadélfia, que, depois de intensos debates, optou pela separação: conclamou os cidadãos às armas e nomeou George Washington comandante das tropas norte-americanas. Em 4 de julho de 1776, ficou pronta a Declaração de Independência, por meio da qual eles declararam-se “livres e independentes” da metrópole inglesa; seu principal autor foi Thomas Jefferson.

Na Declaração de Independência, inspirados nas ideias de John Locke, os colonos defendiam a resistência à tirania e o direito à vida, à liberdade e à busca da felicidade.

A guerra dos “patriotas” contra os “jaquetas-vermelhas” foi difícil e se estendeu por cerca de seis anos. Ao vencer a Batalha de Saratoga (1777), os colonos atraíram o apoio da França, da Espanha e da República das Províncias Unidas (Holanda) – antigas rivais da Inglaterra –, que passaram a ajudá-los com armas, soldados e dinheiro. Com a ajuda externa, os norte-americanos conseguiram vencer a luta e, em 1783, pelo Tratado de Paris, a Inglaterra reconhecia a independência das Treze Colônias. Era o primeiro país da América a tornar-se independente.



Retrato de Thomas Jefferson por Mather Brown. Washington (EUA), 1786.

## A Constituição dos Estados Unidos

Os Estados Unidos estavam livres. Era preciso, agora, organizar o novo país, definindo os direitos e deveres dos cidadãos. A Constituição do país ficou pronta em setembro de 1787 e é a mesma até hoje, embora tenha recebido algumas modificações (emendas).

A Constituição definia os Estados Unidos como uma república federalista e presidencialista. Federalista porque as ex-colônias, que passaram a ser estados, ganharam autonomia para criar leis próprias, organizar forças militares e pedir empréstimos no exterior.

Os poderes, seguindo a teoria de Montesquieu, ficaram divididos em Executivo, Legislativo e Judiciário. O poder Executivo cabia ao presidente da República, que era eleito indiretamente; os eleitores de cada estado escolhem seus delegados, que formam um Colégio Eleitoral, que, por sua vez, elege o presidente da República. Para exercer o poder Legislativo foi criado o Congresso, composto por duas câmaras: a Câmara dos Representantes e o Senado. O Judiciário era exercido, no âmbito federal, pela Suprema Corte, que deveria garantir o cumprimento das leis.

## Uma cidadania limitada

Logo no início da Constituição americana, lê-se: “Nós, o povo dos Estados Unidos [...]. Será que nesse “nós” estavam incluídos todos os habitantes do novo país?

A resposta é não, a começar pelos indígenas. Para os indígenas, a independência traria prejuízos, pois, a partir de então, aumentou a pressão dos colonos sobre as terras indígenas a oeste do Mississípi. Para os descendentes dos africanos, a independência nada significou. Os negros escravizados (mais de meio milhão de pessoas) continuaram na mesma condição. As mulheres, por sua vez, foram excluídas do direito de voto.

Na prática, portanto, a expressão “Nós, o povo dos Estados Unidos” referia-se apenas aos Componente Curricular: História – Turma: 8º ano

homens adultos e brancos que possuíssem certa renda (da terra ou de investimentos). A maioria dos habitantes dos Estados Unidos foi excluída do processo político.

- Após fazer a Leitura e interpretação do texto e imagens. Responder as questões do livro didático do número 4 e 5 da [página 98](#).

4) Elabore um quadro comparativo entre as colônias americanas do Centro-Norte e as colônias do Sul. Considere os aspectos econômicos, políticos e o tipo de relação com a Inglaterra.

Aspectos	Colônias do Centro – Norte	Colônias do Sul
Econômicos		
Políticos		
Relação com a Inglaterra		

5. Na segunda metade do século XVIII, a Inglaterra impôs às Treze Colônias uma série de leis opressivas. Monte uma ficha com o nome, a data e o que cada uma delas determinava.

Lei	Data	O que cada uma determinava
Lei do Açúcar		
Lei do Selo		
Lei do Chá		
Leis Intoleráveis		

**AULA 5 e 6 –** Livro didático de História “História Sociedade & Cidadania”, [páginas 103 e 109](#) com o tema “Independências: Haiti e América Espanhola”. (*Texto transcrito abaixo, para alunos que não possuem o livro didático*)



### Independências: Haiti e América Espanhola

#### **Independência em São Domingos (atual Haiti)**

A América espanhola, assim como a portuguesa, também foi palco de inúmeras revoltas sociais e lutas pela independência. Inicialmente, vamos estudar o caso do Haiti.

As terras onde hoje é o Haiti faziam parte da ilha de Hispaniola, onde Colombo aportou em 1492. Na segunda metade do século XVII, a parte ocidental da ilha, rebatizada então de São Domingos, foi ocupada pelos franceses. Já a parte oriental continuou com os espanhóis.

Na parte ocupada por eles, os franceses montaram grandes fazendas (plantations) cultivadas por africanos escravizados e que produziam gêneros tropicais, como fumo, algodão, açúcar e rum (bebida alcoólica extraída da cana). A exportação dessas mercadorias tornou essa colônia a mais rica das colônias francesas. Em 1789, São Domingos era responsável por dois terços do comércio exterior francês, incluindo-se aí o lucrativo tráfico de africanos pelo Atlântico.

Naquela época, os colonos brancos constituíam 7% da população, enquanto os negros

compunham 87% do total. A elite da ilha vivia luxuosamente, enquanto os trabalhadores escravizados eram vítimas de maus-tratos, doenças e/ou fome, sendo alto o índice de mortalidade entre eles.

Reagindo a essa situação opressiva, os escravizados promoviam fugas e a formação de quilombos. Em 1791, os trabalhadores dos canaviais do norte de São Domingos promoveram um levante escravo de grandes proporções. Os rebeldes exigiam melhores condições de trabalho e mais tempo para cultivar a própria roça.

Liderado por Toussaint L’Ouverture, o levante ganhou força no mesmo período em que os jacobinos assumiam o poder na França e aboliam a escravidão nas colônias francesas (1794). Com isso, os escravizados de São Domingos passavam à condição de libertos. Com o apoio deles, L’Ouverture ascendeu ao poder na parte ocidental da ilha e, a seguir, conquistou a parte oriental (pertencente à Espanha), onde também aboliu a escravidão.

### A formação do Haiti

Entre 1794 e 1802, a ilha foi governada por Toussaint L’Ouverture, que tentou reorganizar sua economia. Mas o líder negro sofreu forte oposição dos senhores brancos, de parte dos mestiços e teve ainda contra si o fato de os libertos não quererem trabalhar nas fazendas de seus antigos senhores. Enquanto isso, na França, ocorreu uma nova reviravolta no processo: Napoleão Bonaparte tomou o poder, anulou a lei abolicionista aprovada pelos jacobinos e enviou um exército de 25 mil homens para retomar São Domingos. As forças de Bonaparte invadiram a ilha, prenderam o líder negro e o enviaram à França, onde ele foi torturado e morto.

As lutas pela independência, no entanto, continuaram, agora sob o comando do ex-escravo Jean-Jacques Dessalines, que tinha sido general no exército de L’Ouverture. Usando como lema “Liberdade ou Morte！”, o exército de Dessalines conseguiu vencer os franceses e proclamar a independência de São Domingos, em 1804. O novo governo optou pelo nome indígena da ilha: Haiti, do aruaque ahiti, que significa “terra montanhosa”. A República do Haiti foi a primeira nação da América a abolir a escravidão e a segunda a se tornar independente. A França, no entanto, só reconheceu a independência do Haiti 21 anos depois e mediante vultosa indenização.

As lutas vitoriosas dos negros escravizados no Haiti espalharam por toda a América o haitianismo, isto é, o medo de levantes escravos bem-sucedidos, como os que moveram a luta pela liberdade naquela ilha da América Central.



### A Revolta de Túpac Amaru

Em fins do século XVIII, as populações indígenas do Vice-Reino do Peru eram lideradas por curacas. Um desses curacas, chamado José Gabriel Condorcanqui, era descendente da nobreza inca e recebeu uma educação esmerada, tendo estudado, inclusive, na Universidade de São Marcos, a mais antiga do Império espanhol e existente até hoje. Ele liderava vários povoados (pueblos) da província de Tinta, no Vice-Reino do Peru. Cada um desses povoados tinha a obrigação de pagar à monarquia espanhola um imposto e de cumprir com a mita, ou seja, a obrigação de enviar um determinado número de indígenas para trabalhar para os espanhóis durante determinado período do ano.

No reinado de Carlos III (1759-1788), a Espanha aumentou os tributos pagos pelos povoados indígenas, o que contrariou profundamente os curacas. Ao perceber que o prestígio da liderança indígena vinha diminuindo e que a opressão sobre os mitayos aumentava, o curaca José Gabriel solicitou às autoridades o fim do cumprimento da mita pelos índios nas perigosas minas de São Luís

População – América espanhola (1810)	
Indígenas	8 milhões
Mestiços	5 milhões
Brancos	4 milhões
Negros	1 milhão

Fonte: MÄDER, Maria Elisa Noronha de Sá. Revoluções de independência na América hispânica: uma reflexão historiográfica. Revista de História, n. 159, p. 226, 2008.

### Potosí.

Ele expôs às autoridades a longa distância que os indígenas tinham de percorrer a pé, as doenças que os acometiam e a ausência prolongada (por meses) desses agricultores nos seus pueblos. As autoridades espanholas, no entanto, negaram todos seus pedidos. O líder, então, optou pela revolta.

José Gabriel mudou seu nome para Túpac Amaru II, em homenagem a seu antepassado Túpac Amaru, último imperador inca e líder da resistência aos espanhóis. A revolta começou em 1780 com a captura e a execução de Antonio Arriaga, maior autoridade da província de Tinta, responsável por abusos cometidos contra os índios mitayos.

A Revolta de Túpac Amaru teve a participação de milhares de pessoas, entre índios, mestiços e negros escravizados. O movimento se alastrou rapidamente. Os rebeldes obtiveram várias vitórias contra as forças realistas, mas os reforços enviados pela Espanha decidiram a luta em favor dessas forças. Túpac Amaru foi preso e executado na praça central de Cuzco, que um dia tinha sido capital do Império inca. Assim como Tiradentes, ele foi enforcado e esquartejado.

A Revolta de Túpac Amaru foi sufocada, mas o medo de levantes da maioria indígena continuou atemorizando as elites da América espanhola.

### América espanhola: população e etnias

Por volta de 1810, a América espanhola ocupava boa parte do continente americano e estava organizada em vice-reinos. Seu território possuía uma variedade grande de climas e relevos e sua geografia dificultava a comunicação entre esses vice-reinos. A população, por sua vez, era composta de 18 milhões de pessoas e estava assim distribuída:

A maioria dos brancos pertencia à elite criolla, ou seja, era composta de descendentes de espanhóis nascidos na América. E, embora fossem maioria da elite, os criollos eram impedidos de ascender socialmente.

Nas sociedades hispano-americanas, os principais cargos no governo, no Exército e na Igreja eram reservados aos chapetões. No México de 1808, por exemplo, havia apenas um bispo criollo.

### O Império espanhol em crise

Entre 1808 e 1824 – um tempo relativamente curto –, o Império espanhol na América desmoronou e, em seu lugar, se formaram quase duas dezenas de países independentes. Os movimentos de independência que deram origem a esses novos países foram motivados por fatores internos e externos. Internamente, cabe citar os descontentamentos sociais e políticos causados pelas reformas do rei espanhol Carlos III e seu filho Carlos IV, na segunda metade do século XVIII. Com o objetivo de extrair mais riquezas da América, a Monarquia espanhola:

a) impôs monopólios sobre um número crescente de produtos, entre eles o fumo, as bebidas alcoólicas, a pólvora e o sal;

b) reassumiu a administração dos impostos, antes arrendada a contratadores privados, e aumentou o rigor na cobrança;

c) extinguiu o sistema de portos únicos e autorizou 20 outros portos da América a fazerem comércio com a Espanha; esse comércio “livre e protegido” favorecia a Espanha, aumentando a circulação de mercadorias e a arrecadação fiscal.

Os monopólios e a opressão fiscal geravam insatisfação entre os habitantes da América como um todo e frustravam a pretensão dos criollos a um livre comércio com todas as nações do mundo. Quanto aos mais pobres, as reformas dos reis espanhóis não melhoraram em nada a vida deles.

Além disso, as diferenças sociais e a discriminação existentes nas sociedades hispano-americanas eram enormes. Nelas, uma maioria composta por indígenas, mestiços e afrodescendentes vivia oprimida por uma minoria branca, formada por *chapetões* e *criollos*.

- Após fazer a leitura e interpretação do texto e imagens. Responda a atividade da tabela abaixo.

1) Compare as lutas populares no Haiti e no Peru.

	Haiti	Peru
Participantes		
Objetivos		
Principais líderes		
Modo como o Movimento terminou		

**AULA 7 e 8 –** Livro didático de História “História Sociedade & Cidadania”, páginas 110 e 115 com o tema “Guerras de independência na América”. (Texto transcrito abaixo, para alunos que não possuem o livro didático)



### Guerras de independência na América

Nesse contexto, um fato novo contribuiu para mudar o curso dos acontecimentos: em 1808, as tropas de Napoleão Bonaparte invadiram a Espanha. E, depois de prenderem o rei, colocaram no trono espanhol José Bonaparte, irmão de Napoleão.

Em Madri, os espanhóis pegaram em armas para resistir a Bonaparte. Já na América, ao serem informados de que a Espanha estava sem o seu legítimo rei, os criollos formaram Juntas Governativas para lutar pela independência.

As guerras de independência podem ser divididas em duas fases:

Na primeira fase, de 1810 a 1814, os habitantes das colônias, liderados pelos criollos em cidades como Caracas, Buenos Aires, Bogotá e Santiago, formaram exércitos e obtiveram importantes vitórias contra os realistas. Naqueles anos, as forças de Bonaparte controlavam a maior parte da Espanha e os espanhóis estavam ocupados com a expulsão dos franceses de seu território.

Já a segunda fase, de 1814 a 1825, começou com a queda de Napoleão e a volta do rei Fernando VII ao trono espanhol. Ao retomar o poder, o rei espanhol reestabeleceu o absolutismo e enviou para a América uma grande expedição com 10 mil homens para combater os movimentos pela independência.

### As independências na América do Sul

Dois membros da elite criolla tiveram importante papel nas lutas pela independência: José de San Martín e Simón Bolívar.

#### José de San Martín

José de San Martín nasceu em 1778, onde é hoje a província de Corrientes, na Argentina. Aos 6 anos de idade, foi com a família para a Espanha, onde estudou e seguiu a carreira militar, tendo lutado contra as tropas de Napoleão que tinham invadido o país.

Em 1812, voltou para a região do Prata e assumiu o comando da luta contra os espanhóis, vencendo-os na batalha de São Lourenço. A independência das Províncias Unidas do Rio da Prata foi liderada por San Martín e proclamada em Tucumán, em 9 de julho de 1816.

Depois, à frente de um exército de 5 mil soldados, José de San Martín consolidou a independência do Chile (1818), proclamada por Bernardo O'Higgins, líder do movimento chileno, dois meses antes. Em seguida, desembarcou com seus soldados na costa peruana com 4 mil homens, protegido por

navios ingleses, e colaborou para a independência do Peru (1821). A Inglaterra, como se sabe, tinha interesse em conquistar mercados na América.

## O projeto e a luta de Simón Bolívar



Enquanto isso, outro exército de libertação, sob o comando de Simón Bolívar, travava uma guerra dura contra as forças leais à Espanha. O projeto de Bolívar era ver formar-se na América uma confederação republicana, isto é, uma associação de Estados independentes unidos por objetivos de cooperação e defesa.

Conforme a guerra foi se intensificando, Bolívar e seus generais prometeram a liberdade aos escravos que se juntassem a eles e terra aos soldados do exército. Da mesma forma que San Martín, Bolívar atravessou os Andes para enfrentar as forças realistas e, em 1819, foi vitorioso, conquistando Bogotá, proclamando a independência e formando a República da Grã-Colômbia, da qual se tornou presidente. Mas essa unidade política idealizada por Bolívar se fragmentou, dando origem à Colômbia, à Venezuela e ao Equador.

Em 1822, Simón Bolívar assumiu a liderança da luta de libertação contra as forças espanholas alojadas no Vice-Reino do Peru. Ele e seu general, Antônio José Sucre, comandaram as forças que consolidaram a

independência do Peru (1824) e concretizaram a da Bolívia (1825).

## A independência do México

Enquanto os afrodescendentes do Haiti lutavam por liberdade e os indígenas do Peru exigiam o fim da exploração no trabalho, no lugar onde hoje é o México os camponeses clamavam por terra. Em 1810, um exército de camponeses pobres, liderados pelos padres Miguel Hidalgo e José María Morelos, sublevou-se. Eles carregavam estandartes de Nossa Senhora de Guadalupe e exigiam independência com divisão da terra entre os pobres.

Os rebeldes chegaram a formar um exército com 80 mil pessoas e conquistaram algumas cidades; e, assim, Hidalgo proclamou o fim da escravidão negra e dos tributos indígenas. Unidos contra esse movimento, que punha em risco sua riqueza e privilégios, criollos e chapetones o reprimiram duramente e, a seguir, fuzilaram o padre Hidalgo.

Durante a repressão ao movimento camponês, as autoridades espanholas confiaram o comando das tropas ao general Agustín de Iturbide. Esse representante das elites locais tomou, então, o poder e proclamou a independência do México (1821). No ano seguinte, ele deu um golpe e proclamou-se imperador com o título de Agustín I. Pouco depois, no entanto, a elite criolla do México, com a ajuda do exército, derrubou o imperador e proclamou a República.

Na América espanhola, o projeto de independência que venceu foi o das elites criollas; por isso a concentração de terras em mãos de poucos e as enormes diferenças sociais entre ricos e pobres se mantiveram inalteradas.

## Exclusão e marginalização na América

De acordo com a maioria dos analistas, a independência política beneficiou, sobretudo, os criollos, que lideraram o processo de lutas e, ao mesmo tempo, definiram os limites dessa “independência”. Enquanto as elites dos novos países se ocupavam da grande política, a maioria, formada de

pessoas pobres, mantinha a esperança de que a independência lhes trouxesse melhores condições de vida, acesso à terra e participação política. Os povos indígenas e de origem africana e seus descendentes integram essa maioria, que continua lutando por melhores condições de vida e cidadania plena.

## PARA SABER MAIS

## Por que a América espanhola se dividiu em vários países?

No Congresso do Panamá, em 1826, Bolívar continuou lutando para que as nações livres da América se unissem e formassem um único país, mas não conseguiu realizar seu sonho; a América espanhola se fragmentou em 19 Estados, cada qual com um governo próprio. A fragmentação da América em diversas repúblicas tem sido tema de debates entre os historiadores; as razões mais citadas para explicar essa fragmentação são três:

- os conflitos de interesses entre as elites *criollas*;
  - a força dos **caudilhos**, chefes políticos ou militares locais, com grande poder em sua localidade ou província;
  - as pressões da Inglaterra e dos Estados Unidos pela fragmentação da América Latina.

Observe o mapa.

#### ► Mapa político da América Latina (1830)



Fonte: PRADO, Maria Ligia; PELLEGRINO, Gabriela. História da América Latina. São Paulo: Contexto, 2014. p. 44.

**Caudilhos:** a historiografia recente entende que o poder do caudilho se constrói por meio de relações nos níveis local, nacional e internacional, e se fortalece em contextos históricos específicos nos quais as instituições políticas são frágeis. Uma das características importantes do caudilhismo é o clientelismo – relações pessoais que individuos com riqueza, poder e prestígio elevados mantêm com outros relativamente pobres e sem prestígio social. Por exemplo, o cliente, um peão, busca conseguir proteção política e econômica de seu patrão, um criador de gado, e oferece, em troca, sua força de trabalho e lealdade.

O mapa mostra os Estados independentes na América em 1830. Naquela data, apenas as ilhas de Cuba e Porto Rico continuavam sob o domínio da Espanha.

- Após fazer a leitura e interpretação do texto e imagens. Responda a atividade abaixo.

1) Com base nas lutas populares do México responda:

a) Quem eram os participantes?

b) Quais os objetivos?

c) Quem foram os principais líderes?

d) Como o movimento terminou?